

1915

orphe u

*almada*

ATICA

1965

Shi

# OBRAS COMPLETAS

José Sobral de ALMADA NEGREIROS

7-IV-93.

ÁTICA

2

orpheu

almada

Roga-se-me evocação do advento do "Orpheu."  
Por quem mo roga aceito. Outrem que fosse não  
me aceitaria como lho aceito. Aceito por poeta  
mo rogar. O poeta Alberto Serpa.

E'-me visceralmente interdito o modo de iden-  
tidade a tratar de gente. E o mesmo para fa-  
lar arte, único modo como me apresento a público.

Ainda hoje desconheço felizmente a identi-  
dade dos inesquecíveis companheiros do "Orpheu".



5

Permita-se-me recordar a propósito de identidade. Pedi a Max Jacob para me apresentar Bracusi. Estava no Impasse Ronsin. Era numa incrível penumbra de teias de aranha e pedaços de madeira, sobretudo pedaços de cadeiras. O entusiasmo por conhecer pessoalmente Brancusi atrapalhou-me. A tal ponto que as minhas primeiras palavras foram estas: Êtes-vous Roumain? E o olhar penetrante logo respondeu: Cela vous dit quelque chose?

Isto vinha afinal ao encontro da minha maneira de ser.

Os inesquecíveis companheiros do "Orpheu" foram os meus precisamente por nos ser comum uma mesma não-identidade, um mesmo escornçar comum que a vida nos fazia. Absolutamente mais nada de comum. Eramos reclusos da mesma cela de prisão.

Entre nós havia o mesmo mal-estar da impertinência da presença dos metidos na mesma cela, na mesma não-identidade. Eramos em realidade muito extranhamente diferentes uns dos outros, e todos suspensos do mesmo fio de nos faltar território. E assim nasce o profundo da palavra companheiro.

Era arte que nos juntava? Era. Arte era a solução. A nossa solução comum. Era o neutro entre nós.

Arte é acompanhante, e neutro como acompanhante. Ao passo que o companheiro será acompanhante neutro também, e também o portador de onde plenitude, e por conseguinte portador também da atmosfera desta acessibilidade.

Nunca aconselhei ninguém. Mas a ninguém deixei de advertir para saber usar os companheiros feitos um dia. O acaso dos companheiros é o que menos se entende por acaso. São eles e não outros os nossos companheiros que a vida nos dá. O companheiro é o marco firme onde um possa vir e retomar-se constantemente no legítimo da sua existência.